

A EXIGUIDADE NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO PARA O ATENDIMENTO ÀS PESSOAS SURDAS

The exiguidade in the formation of the psychologist for the care of deaf people

Ingrid Moura Barroso Rodrigues¹

Marcia Oliveira Moraes²

Resumo: Na psicologia, problematizamos a necessidade do acesso das pessoas surdas na psicoterapia. É relevante oportunizar aos psicólogos momentos de informação e formação. Conforme estudos referentes às disciplinas curriculares de Libras, a falta de renovação dos currículos das universidades exclui os surdos da sociedade, assim, profissionais se sentem incapacitados para atender a comunidade surda. A revisão de literatura realizada mostrou o quão pouco existem publicações relacionadas ao tema. Em se tratando da exiguidade durante a formação do psicólogo, Leigh (2010) defende que um dos motivos para a psicoterapia não atender aos surdos é a entrada tardia de disciplinas de saúde mental e das ciências do comportamento no campo da surdez, como também, a significativa gama de terapeutas não qualificados para atender à população de pessoas surdas. De acordo com Santos e Assis (2015), os surdos são excluídos dos atendimentos em psicologia clínica devido à falta de profissionais qualificados para este público. Seria importante capacitações e disciplinas no âmbito acadêmico para psicólogos. A metodologia utilizada nessa pesquisa foi qualitativa, com participação de quinze psicólogos, escolhidos por conveniência. O

¹ Doutoranda em Psicologia. UFF-RJ. E-mail: ingridmoura_psicologia@yahoo.com.br. Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/7080096771078633>

² Pós-Doutora - Professora Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. UFF-RJ. E-mail: marciamoraes@id.uff.br. Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/7714353355111033>

instrumento utilizado foi uma Entrevista Aberta para Psicólogos com o objetivo de identificar o nível de conhecimento dos participantes em relação a Libras, o interesse em adquirir o idioma e em atuar como profissionais bilíngues. Esta pesquisa comprovou que para estes falta aptidão e segurança na atuação dos profissionais de psicologia para atender demandas das pessoas surdas, mesmo que a procura pelo atendimento psicológico bilíngue esteja ampliando. Nessa lógica, asseveramos que a Língua carece, urgentemente, de uma disciplina obrigatória nos cursos de psicologia, abrangendo todos os pacientes sem acepção.

Palavras-chave: Psicologia; Libras; formação; universidade.

Abstract: In psychology, we problematize the need for access of deaf people in psychotherapy. It is relevant to provide psychologists with moments of information and training. According to studies related to the curricular disciplines of Libras, the lack of renewal of the curricula of universities excludes the deaf from society. Thus, professionals feel unable to serve the deaf community. It would be important training and disciplines in the academic field for psychologists. The methodology used in this research was qualitative, with the participation of fifteen psychologists, chosen for convenience, administered an open interview to identify the level of knowledge in relation to Libras and act as bilingual professionals. In this logic, we assure that Language urgently needs a compulsory discipline in psychology courses, covering all patients without meaning.

Keywords: Psychology; Libras; training; university.

INTRODUÇÃO

A Psicologia abarca uma grande diversidade de teorias, posicionamentos e uma postura compreensiva, não preconceituosa,

expressiva e atenta, faz parte da atuação do psicólogo. Nesse caso a autora Rodrigues (2019) questiona que:

(...), na sociedade moderna, as pessoas que vivenciam conflitos familiares, traumas, depressões e outros sintomas de ordem psicológica, muitas vezes procuram ou são encaminhadas ao serviço de Psicologia, o qual pode fornecer suporte psicológico e psicoterapia. Mas, e se a pessoa que busca, ou que é encaminhada for surda? Como se mantém o diálogo com um profissional ouvinte? (Rodrigues, 2019, p. 49-50).

Com essa indagação, começamos a problematizar a necessidade de garantia do acesso e da participação das pessoas surdas na psicoterapia. E, para que isso seja possível, é importante que, de início, o psicólogo reconheça e valorize a diversidade, sendo a psicoterapia uma ferramenta que auxilia na consciência de constituir uma identidade própria, garantindo autonomia e equidade.

De acordo com o Código de Ética do Psicólogo (2005), devemos atuar “com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural.” (p.7), percebendo como acontece a comunicação com cada surdo e seu contexto histórico, a fim de nos adaptarmos para um atendimento singularizado.

É preciso, também, levar em conta, a Lei nº 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto 5.626/ 2005, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão, sendo uma das Línguas Oficiais do Brasil. A partir deste ponto, podemos considerar a Língua de Sinais Brasileira (LSB) um instrumento necessário para um atendimento psicológico singularizado.

No senso comum, imaginamos que todo surdo é usuário da Língua Brasileira de Sinais, porém há surdos que também se comunicam através de leitura labial, da Língua Portuguesa oral, pantomimas, assim como os casos de surdos que não aprenderam Libras e nem a Língua Portuguesa, e legendas para pessoas que são surdas oralizadas e não sabem Libras.

Alguns surdos bilíngues têm domínio da Língua Portuguesa na modalidade escrita e, em alguns casos, também oral, além de serem usuários de Libras. Porém, outras pessoas surdas, que se definem como deficientes auditivas (D.A.) se identificam mais com o modo de comunicação em língua portuguesa oral e escrita, e dispensam a Língua de Sinais e a cultura visual, almejando a recuperação da audição por meio da reabilitação.

Duarte et.al (2013) esclarece que

As concepções de surdez e de pessoa surda passaram por várias mudanças, desde o modelo biomédico, que considera o surdo doente, até o modelo socioantropológico, que o considera detentor de cultura e língua próprias. Esse novo olhar situa a pessoa surda em outra esfera, a qual aprecia sua diferença e valoriza sua capacidade de desenvolvimento. Evidencia que as ações do homem, no transcorrer da história, excluem, segregam e raramente incluem o surdo (Duarte, 2013, p.1731).

Para que o profissional de psicologia possa identificar a importância das características do universo cultural e linguístico da pessoa surda como fator de construção da identidade, a visão socioantropológica se torna indispensável o desenvolvimento acadêmico em contato com essa temática, pois é fundamental inteirar-se sobre as particularidades da identidade e cultura dos pacientes surdos, desenvolvendo a comunicação e facilitando o acesso dos surdos na psicoterapia.

Nessa mesma perspectiva, entendemos que, no que se refere à comunicação, surdos e ouvintes são linguisticamente diferentes. Para os ouvintes, a língua se estabelece através do canal oral-auditivo, no entanto, os surdos comunicam-se por meio do canal visuo-gestual. Para ambos não há perda de conteúdo ou informação, apenas a ação de transmitir ou receber uma mensagem ocorrem de formas diferentes.

E considerando, que nem todos os sujeitos surdos utilizam a Libras, no atendimento psicológico clínico, o grau de perda auditiva, pode interferir no atendimento, dependendo do grau e do modo como o surdo

se comunica. Assim, é preciso considerar as diferenças linguísticas desses indivíduos, para que os profissionais possam desenvolver um trabalho qualificado, sustentado por uma comunicação compreensível e que faça sentido para a pessoa surda.

Grande parte da história dos surdos é marcada pela exclusão e pela impossibilidade da utilização de seu meio de comunicação natural. É inegável que um psicólogo clínico preparado para esse tipo de atendimento é um grande diferencial para a vida do paciente surdo como também para a do profissional, seja profissionalmente da mesma maneira que como um ser humano que contribui para a inclusão social das pessoas e participa dessa história.

De acordo com Gonzalves e Ribeiro (2018):

A temática problematizada em relação a esta demanda no convívio social traz para psicologia a responsabilidade de ofertar uma resposta que contribua para a solução dos conflitos decorrentes pela incongruência de interesses que venha a satisfazer as necessidades de inclusão que corresponda à integralidade da pessoa que participa da ordem estabelecida no meio social. (Gonzalves; Ribeiro, 2018, p. 23).

Durante a formação do psicólogo, Leigh (2010) defende que um dos motivos para a psicoterapia não atender aos surdos é a entrada tardia de disciplinas específicas nessa área. De acordo com Santos e Assis (2015), os surdos são excluídos dos atendimentos em psicologia clínica devido à falta de profissionais qualificados para este público. Fora percebido, com base na prática da autora, que embora os psicólogos sejam procurados para atendimento de questões relacionadas à surdez, grande maioria dos profissionais não conhecem a Língua Brasileira de Sinais e, muito menos, a cultura surda.

Todos os psicólogos atuam a partir de um corpo de práticas no intuito de atender demandas sociais, norteadas pelas técnicas e pelas normas éticas que garantam a promoção de saúde e da qualidade de

vida das pessoas e das coletividades, contribuindo para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, violência e opressão. Nesse segmento, atuará com responsabilidade, por meio do contínuo aprimoramento profissional, contribuindo para o desenvolvimento da Psicologia como campo científico de conhecimento e de prática.

Conforme os estudos referentes às disciplinas curriculares de Libras, é levantado como hipótese que a exclusão social dos surdos é um problema complexo com múltiplas causas e a falta de renovação dos currículos não é a única causa e nem a mais determinante, mas pode ser um fator que contribui para essa exclusão.

Se o paciente for surdo, o profissional deve avaliar a sua capacidade de fornecer o suporte adequado, através do aprendizado da Libras e pelo menos um pouco de sua cultura, posto que estes pacientes necessitam de uma consideração de fatores que envolvem a sua vida. De mais a mais, muitos profissionais se sentem incapacitados para atender a comunidade surda e desconhecem psicólogos bilíngues que atuam nesse campo.

As diferentes formas de comunicação são atos que dizem da inscrição do sujeito com laço social (JORDÃO, 2018, p.75). Esses atos marcam nosso posicionamento em relacionamentos interpessoais.

A presente pesquisa teve como objetivo entender se a exiguidade no processo de formação dos participantes inviabilizou seu desenvolvimento como psicólogos bilíngues (Português/ Libras), a partir de uma pesquisa teórica e de campo, a fim de apontar estratégias cabíveis para a formação nesse viés.

1. METODOLOGIA

A metodologia utilizada nessa pesquisa foi qualitativa e exploratória. A partir dessas considerações, os critérios para a

participação na pesquisa restringiram-se a profissionais da área de psicologia clínica, já atuantes na área e com contato básico com pessoas surdas. A análise de dados foi respaldada nos autores apresentados nas discussões e na síntese da fundamentação teórica. Também foram feitas buscas nas bibliotecas virtuais: Scielo, Google Acadêmico, BVS Psi, utilizando palavras-chave: “surdez”, “psicologia bilíngue”, “exiguidade”, “Libras”, “formação acadêmica”, que contribuíram para o desenvolvimento do trabalho desenvolvido em 2019 e 2020.

Localizamos no texto os resultados da pesquisa de campo fazendo um diálogo entre os autores da literatura levantada. O projeto foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) registrado com CAAE 17551719.2.0000.5243. Na revisão de literatura realizada foram encontrados dez (10) artigos que se aproximavam com as palavras-chave utilizadas, assim como três (3) livros relacionados a educação, psicologia e surdez puderam ser aproveitados. Esse levantamento mostrou o quão pouco existem publicações relacionadas ao tema.

Para investigar se o tema da surdez está presente no ambiente acadêmico fora perguntado se esses profissionais tiveram contato com o tema durante sua formação (graduação, pós), se sabem Libras (Língua Brasileira de Sinais) e qual é a relevância desse assunto para sua profissão.

Os participantes da pesquisa foram quinze (15) profissionais da área de psicologia, escolhidos como explica Freitag (2018), a partir de indicações de profissionais interessados em se aprofundar sobre atuação em psicologia bilíngue com pessoas surdas, sendo quatorze (14) do sexo feminino e um (1) masculino, em suas distintas abordagens de intervenção psicoterapêutica: três (3) com orientação em Psicanálise, cinco (5) com orientação em Gestalt terapia e uma (1) psicóloga

Terapeuta Cognitivo Comportamental (TCC), e as demais, seis (6), Humanista e Abordagem Centrada na Pessoa (ACP).

A amostragem foi realizada por conveniência, ou seja, amostragem não-probabilística, na qual, segundo Freitag (2018), “o pesquisador de campo seleciona falantes da população em estudo que se mostrem mais acessíveis, colaborativos ou disponíveis para participar do processo.” (p.5). Dessarte, esse tipo de amostragem é “adequada e frequentemente utilizado para geração de ideias em pesquisas exploratórias, principalmente” (Oliveira, 2001, p.5). O autor também esclarece que essa amostragem é empregada quando se deseja obter informações de maneira rápida e barata.

O instrumento utilizado foi uma Entrevista Aberta para Psicólogos: Para identificar o nível de conhecimento dos participantes em relação a Libras, o interesse em adquirir o idioma e em atuar como profissionais bilíngues. A entrevista possui dezesseis (16) perguntas, entre elas citadas nesse artigo: Nome completo, idade, formação e tempo de atuação, abordagem, área de atuação. E perguntas como: Você sabe Libras (Língua Brasileira de Sinais)? Você teve contato com o tema durante sua formação (graduação, pós)? Você se sente preparado(a) para prestar atendimento psicológico a pessoas surdas.

2. RESULTADOS

A entrevista aberta para psicólogos com foco em suas respectivas formações, identificou o primeiro contato com pessoas e pacientes surdos no convívio diário ou na prática profissional e acolher demandas a respeito de dúvidas e dificuldades da comunicação no relacionamento entre psicólogos ouvintes e pessoas surdas, ampliando as possibilidades de promover informação, conscientização sobre um atendimento com equidade para esse público.

No nosso debate sobre o foco da formação acadêmica dos profissionais de psicologia, o certame alusivo ao gênero dos psicólogos que mais intentam em expandir seus conhecimentos em Libras para a comunicação na modalidade visual são do sexo feminino.

Tabela 1 – Planilha de gênero dos participantes

PARTICIPANTES	
PSICÓLOGO	GÊNERO
Participante 1	Feminino
Participante 2	Feminino
Participante 3	Feminino
Participante 4	Feminino
Participante 5	Feminino
Participante 6	Feminino
Participante 7	Feminino
Participante 8	Feminino
Participante 9	Feminino
Participante 10	Feminino
Participante 11	Feminino
Participante 12	Feminino
Participante 13	Feminino
Participante 14	Feminino
Participante 15	Masculino

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Dos quinze (15) participantes envolvidos, há uma grande discrepância com apenas um (1) participante do sexo masculino, que informamos a partir do tipo de seleção por convite aos profissionais

próximos e de alguma forma, ligados a comunidade surda. Também versando com as profissões culturalmente ligadas ao cuidado, onde o gênero feminino ainda impera. Essas informações sugerem que nessas vertentes da psicologia e da inclusão a inclinação maior para atuação são do sexo feminino. No que concerne à visão da Psicologia como uma profissão 'feminina' na sociedade brasileira, como defendem as autoras Figueirêdo e Cruz (2017), "determinadas profissões foram construídas culturalmente ligadas ao cuidado, a exemplo da enfermagem, serviço social e psicologia, como se tal procedimento e assistência fossem atribuição e função típica e exclusiva das mulheres." (p.805)

Na mesma direção, o Conselho Federal de Psicologia (2012) desenvolveu uma pesquisa intitulada: "Profissão e Gênero no exercício da Psicologia no Brasil", na qual foram entrevistados mil e quinhentos profissionais de todo o país. Segundo esse estudo, 89% das pessoas que exercem a Psicologia no Brasil são mulheres.

A desigualdade estatística de gênero entre quem busca a formação em psicologia e se preocupa em desenvolver um atendimento acessível à população surda está intrínseco. O fato de que pouquíssimos homens psicólogos se preocupem em tornar seu atendimento mais acessível é um sintoma muito mais profundo e mais amplo da masculinidade e sua construção em nosso contexto sociocultural. Este aspecto merece ser minimamente ampliado e revisto por conta de seu peso social.

Em relação ao contato com a Libras no âmbito acadêmico, na pergunta nove (9), as respostas pontuais foram:

Tabela 2 – Contato com a Libras no âmbito acadêmico

PONTUAÇÕES

Algumas sinalizações superficiais de professores e profissionais sobre acessibilidade

Contato rápido ou pouco contato com o tema

Nenhum contato na graduação

Noção própria via pesquisas na internet

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Especificando a abordagem da exiguidade na formação do psicólogo, os participantes foram bem categóricos sobre seu período de desenvolvimento como discentes nas universidades e seu contato com disciplinas sobre Língua Brasileira de Sinais e Inclusão:

Tabela 3 – Exiguidade na formação do psicólogo

PARTICIPANTE	DISCURSO
Participante 1	<i>“Na época da faculdade (1985-1990) não havia essa preocupação sobre inclusão e acessibilidade.”</i>
Participante 2	<i>“Durante a graduação, não. Na pós-graduação uma professora sinalizou sobre a carência de profissionais que fazem atendimento às pessoas surdas.”</i>
Participante 3	<i>“Superficialmente na graduação e na pós-graduação.”</i>
Participante 4	<i>“Pouco contato, mas tive sim.”</i>
Participante 5	<i>“Não tive contato.”</i>

Participante 6	<i>"Sim, uma disciplina."</i>
Participante 7	<i>"Tive pouco contato na graduação em Pedagogia e nenhum em Psicologia."</i>
Participante 8	<i>"Não tive contato com o tema."</i>
Participante 9	<i>"Sim, infelizmente online."</i>
Participante 10	<i>"Sim, na graduação e, antes desse, brevemente no ensino fundamental."</i>
Participante 11	<i>"Formalmente não."</i>
Participante 12	<i>"Não. Nunca ofereceram uma disciplina voltada para o tema."</i>
Participante 13	<i>"Durante a minha formação não foi comentado nada sobre o tema."</i>
Participante 14	<i>"Não."</i>
Participante 15	<i>"Não tive contato."</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Essas evidências validam em nossa pesquisa que realmente existe um descaso do âmbito acadêmico em relação a diversidade, inclusão e

aprendizado da Língua Brasileira de Sinais, porém nos atentemos a considerar a diversidade de instituições e programas de graduações e pós-graduações no Brasil. É possível que já existam iniciativas e exemplos positivos que não foram considerados na análise. Evidenciamos, nessa pesquisa a partir das experiências dos participantes que, os mesmos, que não tiveram ou tiveram um contato superficial e de forma online, com os temas já citados, geralmente baseados em teoria sem ou com algo de prática da Libras, durante sua formação.

Dentro dessa perspectiva, asseveramos que a Língua carece urgentemente de uma disciplina obrigatória não só nas licenciaturas, mas nos cursos da área da saúde, em destaque, a psicologia, como forma de abranger todos os pacientes sem acepção. Disciplinas com continuidade em teoria e práticas da Libras ao longo da graduação, seria um diferencial para os futuros psicólogos bilíngues. Além disso, também é importante enfatizar o aprendizado da Libras desde a Educação Infantil, facilitando a interação entre surdos e ouvintes durante todo o desenvolvimento dos indivíduos, assim como a atuação de profissionais bilíngues futuros.

A pergunta treze (13) que esclarece se os psicólogos estão ou não preparados para prestar atendimento psicológico a pessoas surdas. Nas respostas:

Tabela 4 – Preparo dos profissionais para atendimento psicológico às pessoas surdas

PARTICIPANTE	DISCURSO
Participante 1	“Não. Não tenho conhecimento em Libras.”

- Participante 2 *“Não, porque não tenho qualificação em Libras.”*
- Participante 3 *“Em partes, apenas aos oralizados, nesse caso considero que sim. Aos que utilizam sinais de Libras para comunicação prefiro encaminhar para o profissional habilitado, acredito que poderá oferecer um atendimento mais adequado e acolhedor.”*
- Participante 4 *“Não, pois não tenho domínio nessa prática.”*
- Participante 5 *“Não, porque não tenho conhecimento de Libras.”*
- Participante 6 *“Não, pela falta de aprendizado.”*
- Participante 7 *“Não. Não tenho conhecimento na linguagem de sinais e penso que precisaria ter que me especializar nesta temática para atender a esse público.”*
- Participante 8 *“Não. Sem conhecimento de Sinais.”*
- Participante 9 *“Não. Pelo fato de não conseguir me comunicar em Libras. Sim, pelo fato de me sentir muito disponível para estar com as pessoas com deficiências quaisquer.”*

- Participante 10 *“Ainda não, preciso de um maior conhecimento da língua e iniciar contato com a comunidade surda, estar por dentro desse meio e vivenciá-lo e, não apenas estudar sobre.”*
- Participante 11 *“Não. Pois não sei Libras.”*
- Participante 12 *“Hoje sim. Mas, aos poucos, ainda estou no processo. Porque minha professora de Libras disse que já podia atender e já estava apta, por isso me autorizei, mas estou indo aos poucos.”*
- Participante 13 *“Não. Porque nunca li e nem foi me passado nada sobre esse tema.”*
- Participante 14 *“Não, Porque não tenho conhecimento de Libras.”*
- Participante 15 *“Não. Pois considero necessária uma formação específica sobre o tema.”*

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

O atendimento com os surdos nos serviços de saúde é composto por dificuldades dos profissionais na comunicação verbal sinalizada, falta de compreensão e até de paciência do profissional de saúde, sentimento de exclusão e discriminação por parte do paciente e sentimento de impotência e despreparo por parte do psicoterapeuta. Porém dado ao recorte de participantes dessa pesquisa reconhecemos que cada

indivíduo possui experiências únicas e que a pesquisa qualitativa não busca resultados generalizáveis. Salvo que esse se limitou à psicólogos, não abrangendo outros profissionais da área da saúde.

3. DISCUSSÃO

Este trabalho traz uma exposição sobre a preparação do psicólogo para atender os surdos. Esse artigo busca contribuir com essa literatura e com o abrangente compromisso do psicólogo clínico na sociedade, como somar interesses e responsabilidades com a população surda.

Atualmente, nas práticas em saúde, a falta de uma formação sensível às questões da surdez e deficiências faz com que psicólogos e psicólogas possam ser vetores da exclusão. Esta pesquisa propõe que para estes falta aptidão e segurança na atuação dos profissionais de psicologia para atender demandas das pessoas surdas, mesmo que a procura pelo atendimento psicológico bilíngue esteja ampliando.

A partir de todo apanhado histórico e pesquisa de campo, confirma-se a urgência de reflexão sobre a importância da inclusão e aqui, em especial, da população surda, especificando que o tema central do estudo foi a necessidade e a significância de se oferecer atendimentos adequados, culturalmente competentes e éticos aos surdos. Assim, essa pesquisa foi pensada a fim de mostrar ao psicólogo o que é fundamental para sua preparação para o atendimento com surdos.

Nas entrevistas, foi interessante registrar as experiências pessoais de cada participante no encontro com diferentes pessoas surdas no pluriverso da surdez, que como defendem Silva e Moraes (2019) “não é um mundo unívoco, mas antes se constitui como um pluriverso, isto é, um

mundo no qual múltiplas versões de escutar e não escutar vão sendo tecidas" (p.223).

Por esse ângulo, sugerimos como fundamental a implementação de capacitações e disciplinas no âmbito acadêmico para psicólogos bilíngues iniciantes, com o intuito de prepará-los para receber os surdos em consultórios com, pelo menos, alguma base de como proceder no atendimento, acolhimento e encaminhamento dos pacientes surdos, de acordo com cada necessidade.

O objetivo é gerar informação para resultar em conscientização e inclusão, pois, como Marchesan (2017) diz, reiterando os sentidos inscritos no imaginário social, que é historicamente produzido, tende à marginalização. (p.78). Nesse sentido, a conscientização muda esses padrões. Em resumo, os estudos sociolinguísticos comprovam ser inegável a relação entre língua e grupos sociais, sendo, portanto, imprescindível o entendimento desse vínculo quando se discute o fenômeno linguístico. (Etto; Carlos, 2019, p. 84)

CONCLUSÃO

É possível afirmar que o papel do psicólogo aos surdos, se dá a partir de demandas individuais e essa atuação é com foco na particularidade de cada paciente, mas também voltada para o apoio às suas famílias, o que é essencial para o processo de adaptação e desenvolvimento tanto do paciente em si como seus familiares e meio social, pois se compreende que a influência destes últimos permite ao paciente sentir-se aceito e seguro.

Turra e Motta (2014) evidenciam que a língua se coloca como um objeto único quando articulado de dentro de uma teoria científica, (...) e é de dentro da língua, invariavelmente, que se constrói saberes sobre a língua. Assim, tornando a língua visível a acentuamos como diferença

cultural e linguística, permitindo amplitude de visão e diminuição de julgamentos, a partir da desmistificação sobre o que significam tais assuntos.

No decorrer dessa pesquisa e em contato com os psicólogos no cotidiano, indica que a acomodação dentro da profissão, falta de tempo e o desinteresse na área são alguns dos muitos motivos que os levam a desistir de estudar e desenvolver a língua, e acabam fazendo com o que o surdo precise se moldar ao português oral ou escrito ou, até mesmo, estar em contato com um Intérprete de Libras para que consigam ter acesso ao atendimento psicológico.

Pois os psicólogos clínicos finalizam a graduação despreparados para atenderem pessoas com diferentes necessidades, inclusive os surdos. Não existe informação, alguma disciplina específica voltada a esse tipo de atendimento ou aprofundamento na temática. A exiguidade sobre o atendimento a comunidade surda nas universidades é evidente e a falta de estímulo e conscientização faz com que esse profissional, antes discente, não se atente para as diferentes formas de atuação e pacientes. Então, se este já tiver uma inclinação para este público, irá pesquisar cursos e especializações que façam um vínculo com sua área de trabalho, caso contrário, essa possibilidade não é nem cogitada.

Verificamos que os psicólogos se sensibilizaram e compartilharam a preocupação da comunicação entre estes e os pacientes surdos, o que já nos comprova que a informação gera movimento e mudança no modo de ver o outro. Nesse caso, os participantes da pesquisa sentiram-se na responsabilidade de estudar um pouco mais sobre essas pessoas e como seria possível essa comunicação, mesmo que de forma básica.

A preocupação do psicólogo em qualificar-se em Libras e inteirar-se no contexto de vida dos pacientes surdos se dá a partir das

dificuldades encontradas nos atendimentos, voltando-se em maior parte para a comunicação e o processo de interpretação durante o atendimento é gerado a partir das necessidades particulares de cada profissional, principalmente quando percebem a austeridade da diferença linguística no primeiro contato em consultório, ao se depararem com os bloqueios de comunicação.

REFERÊNCIAS

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, Brasil. Código de ética profissional do profissional psicólogo. Brasília, DF, 2005.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, CFP. Jornal do Federal ano XXIII, n. 104, jan./ago, 2012.

DUARTE, S.B.R et al. Aspectos históricos e socioculturais da população surda. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, n.4, p.1713-1734, out.-dez, 2013.

ETTO, R. M.; CARLOS, V. G. Um Estudo Sociolinguístico da Linguagem de Adolescentes em um Centro Socioeducativo. **Revista DisSol - Discurso, Sociedade e Linguagem**, n. 9, p. 83-110, 9 jul. 2019.

FIGUEIRÊDO, R.B; CRUZ, F.M.L. Psicologia: profissão feminina? A visão dos estudantes de Psicologia Estudos Feministas, Florianópolis, 25(2): 803-828, maio-agosto, 2017. DOI:<<http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p803>> . Acesso: 01 de abril de 2022.

FREITAG, R.M.K. Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência?. **Revista de Estudos da Linguagem**, [S.l.], v. 26, n. 2, p. 667-686, mar. 2018. ISSN 2237-2083. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.26.2.667-686>. Acesso: 01 de Abril de 2022.

GONZALES, M.F.S.; RIBEIRO, M.C.F. Atendimento psicológico a adultos surdos: desafios para a psicologia inclusiva. Iniciação Científica. Universidade Paulista, UNIP, São Paulo, 2018.

JORDÃO, A. B. Corpo-Sujeito-Discurso: Reflexões Iniciais. **Revista DisSol - Discurso, Sociedade e Linguagem**, n. 8, 30 jan. 2019.

LEIGH, I.W. On being a psychotherapist with deaf clientes. In I. W. Leigh (Org.), *Psychotherapy with deaf clients from diverse groups*. Washington: Gallaudet University Press, p. 3-22, 2010.

LIMA,S.L; MORAES, M. Composições possíveis: travessias no pluriverso dos encontros com a surdez. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, 9(2), 221-243, 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.26864/PCS.v9.n2.9>

MARCHESAN, A. Sobre deficiência e Algumas Possibilidades de Sentidos. **Revista DisSol - Discurso, Sociedade e Linguagem**, n. 6, 22 dez. 2017.

OLIVEIRA, T.M.V. Amostragem não probabilística: adequação de situações para uso e limitações de amostras por conveniência, julgamento e cotas. **Revista AdmOnline**, 2001.

OLIVEIRA, R.F.R.; RIBEIRO, M.C. O direito à Educação frente ao Princípio do Desenvolvimento. **Revista DisSol - Discurso, Sociedade e Linguagem**, n. 17, 14 jul. 2023.

RODRIGUES, I.M.B. Estratégias Terapêuticas na Clínica Infantojuvenil. In: SENRA, E.M, Roma, A & Orgs. 1ª ed. **Leader**, p.47- 58. São Paulo, 2019.

RODRIGUES, I.M.B. Produção de um livro digital para orientação de profissionais de Psicologia no campo da surdez. Dissertação de mestrado, Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão. Universidade Federal Fluminense -UFF, Rio de Janeiro, 2020.

SANTOS, J.F, ASSIS, M.R. As dificuldades do psicólogo no atendimento à pessoa com deficiência auditiva. **Conexões Psi**, 3(1), 23-33, 2015.

TOSTES, R.S. A atuação de psicólogo bilíngue no atendimento terapêutico à pessoa surda. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Especial- **Centro de Educação e Ciências Humanas** – Universidade de São Carlos. São Carlos, SP, 2018. Disponível: https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/10514/TOSTES_Raissa_2018.pdf?sequence=1&isAllowed=y .Acesso: 01 de abril de 2022.

TURRA, B. M.; MOTTA, V. R. A. Em Matéria de Ensino de Língua, o Método Pode Faltar. **Revista DisSol - Discurso, Sociedade e Linguagem**, n. 1, 24 out. 2014.

Esta publicação deverá ser citada da seguinte forma:

RODRIGUES, I. M. B.; MORAES, M. O. A exiguidade na formação do psicólogo para o atendimento às pessoas surdas. **Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem**, Pouso Alegre/MG, ano 9, nº 19, jan-jun/2024, p. 87-107.